

TEORIA DOS JOGOS: UMA ANÁLISE DA ALIANÇA ISIS-BOKO HARAM

Game Theory: an analysis of the Isis-Boko Haram alliance

Katlen Carvalho da Silva¹
Tiago Viesba Pini Inácio²
Gustavo Glodes Blum³

Recebido em: outubro de 2017

Aceito e Publicado em: dezembro de 2017

Resumo

Em se tratando do assunto de segurança internacional e soberania dos Estados, a aliança anunciada entre os dois grupos terroristas mais mortais da atualidade, Boko Haram e Estado Islâmico, aflora sérios debates a respeito das consequências diretas do Imperialismo utilizado pelas grandes potências, que no contexto atual, veem suas instituições e princípios ameaçados. Dessa forma, o presente artigo visa analisar essa cooperação por uma ótica da teoria dos jogos e em relação a questões estratégicas e geopolíticas, juntamente com o contexto histórico e religioso, inseridos dentro do campo teórico das relações internacionais. Para fomentar a construção teórica deste artigo foram utilizadas obras que visam aproximar a realidade da teoria, apresentando a situação do cenário internacional e a emergência de novos atores não-estatais que desafiam as prerrogativas destes. Em seguida uma breve encenação teórica sobre os grupos abordados e a aplicação da teoria dos jogos no campo prático das relações internacionais.

Palavras -chave: Teoria dos Jogos; Estado Islâmico; Boko Haram; Relações Internacionais.

Abstract

On the issue of State sovereignty and international security, the alliance announced among the two most deadly terrorist groups, Boko Haram and Islamic State, had sparked serious debate about the direct consequences of Imperialism used by the great powers, which in the current context; see their institutions and principles being threatened. On this way, this article intend to analyze this cooperation from the game theory perspective and about the relation to strategic and geopolitical issues, together with a historical and religious context inserted on the theoretical field of international relations. In order to promote an academic construction of this article the papers used intend to approximate reality and theory, presenting the situation of the international scenario and the rising of new non-states actors that challenge theirs prerogatives. Then a brief theoretical presentation about the addressed groups and the game theory application on the practical field of the international relations.

Keywords: Games Theory; Islamic State; Boko Haram; International relations.

INTRODUÇÃO

No âmbito das relações internacionais o fenômeno do terrorismo caracteriza-se por uma prática antiga, mas de ampla repercussão. O terrorismo das perseguições, das injustiças e das intolerâncias jamais constituiu uma questão tão discutida quanto nas últimas décadas. Apesar

disto, a quase totalidade dos Estados, salvo raríssimas exceções, sempre pretendeu considerá-lo como patologia marginal, ou no extremo disso, praticar o chamado terrorismo de Estado.

As estratégias da Organização das Nações Unidas de combate e embate em relação ao tema se mostram delicadas, já que os grupos terroristas não são considerados legalmente como atores do sistema internacional, não tendo assim nenhuma prerrogativa de repreensão legal e efetiva, transformando as ações dos Estados centros em apáticas e desacreditadas indústrias antiterror. Todo o aparato defensivo de altíssimo nível tecnológico acabou despojado por simples métodos relacionados com o sofisticado terrorismo financeiro, concedido por grupos humanos dentro do território do Estado considerado impenetrável da economia mundial.

No contexto atual observa-se a classificação de grupos terroristas como novos atores dentro do campo teórico das Relações Internacionais. Sendo assim, analisa-se o grupo autodenominado Estado Islâmico e o nigeriano Boko Haram que anunciaram uma aliança em 2015, resultando em diversas discussões a respeito das consequências dessa união. Ao passo que, isolados já representavam grandes ameaças à soberania do Estado-Nação, mas que se analisados em um contexto de cooperação podem representar uma verdadeira rede de terrorismo internacional.

O analisado neste trabalho são as possibilidades que os dois grupos tinham em relação à aliança, suas possíveis consequências e a razão de terem optado pela aliança, seguindo o modelo teórico vindo da economia, a chamada Teoria dos Jogos, em que são examinadas as diversas possibilidades em resposta a possíveis ações dos jogadores.

DESENVOLVIMENTO

A Teoria dos Jogos é uma forma de análise de decisões estratégicas em que os jogadores agem levando em consideração a reação dos adversários ou a consequência de suas ações para os próprios, ou seja, o estudo das tomadas de decisões entre indivíduos quando o resultado de cada um depende das decisões dos outros, numa interdependência similar a um jogo.

É uma teoria matemática criada para modelar ações que podem ser analisadas quando dois ou mais atores interagem entre si fazendo escolhas. O elemento básico em um jogo é o conjunto de jogadores que participam deste, onde cada jogador planeja quais estratégias e como usá-las e quando essa escolha ocorre cria-se o perfil com todas as situações possíveis. Já que cada jogador terá preferências individuais para cada situação no jogo.

Dentro da teoria existem subdivisões de tal, que podem ser analisadas na prática, como o Dilema do Prisioneiro ou o da Ponte, o *The Chickens Game* como a relação dos EUA e da URSS durante a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, ou ainda quando analisada pela luz de uma

declaração de Aliança entre dois grandes grupos terroristas, dessa forma, ela estuda cenários onde existem vários interessados em aperfeiçoar os próprios ganhos, às vezes em conflito entre si. O ponto fundamental de todo o dilema envolvendo a teoria é a antecipação dos movimentos.

Caracterização dos atores

Boko Haram e Estado Islâmico (ISIS) são os grupos terroristas fundamentalistas islâmicos mais sanguinários do mundo, que atuam respectivamente no norte da Nigéria e nas regiões do Iraque, Síria e Líbia. Ambos possuem semelhanças ideológicas islâmicas, já que seguem a mesma corrente, o salafismo⁴, e utilizam da jihad e seus preceitos para atingirem seus objetivos. Contudo, por estarem localizados em regiões distintas, política, histórica e socialmente, possuem algumas diferenças estruturais relevantes.

O Boko Haram nutre como objetivos principais a implantação da Sharia⁵ - mais conhecido como direito islâmico - em todo o território nigeriano, a reeducação das mulheres sobre uma ótica do islã, já que os mesmos afirmam que a educação tipicamente ocidental corrompe o indivíduo islâmico, e a total extinção da corrupção do Estado nigeriano. Uma de suas principais fontes de renda é o sequestro e tráfico humano, principalmente de mulheres e adolescentes na região fronteira da Nigéria, Níger e Camarões, outras incluem a troca de mercadorias com outros grupos terroristas da região como a Al Qaeda do Magreb e o Al Shabab da Somália e o financiamento por parte de grupos nacionais privados simpatizantes de sua ideologia.

Essa associação tem início nos anos 2000, seus objetivos eram estritamente políticos, uma tentativa de alcançar determinados cargos públicos, sendo que seus membros buscavam um isolacionismo em relação ao resto da Nigéria. Entretanto, devido ao crescimento do número de adeptos o grupo acaba entrando em confronto com o exército nigeriano e ocorre o assassinato de seu líder em 2009, o que possibilita a ascensão à frente o líder mais radical até agora, que inicia a atuação mais focada no terror e na expansão territorial.

O autodenominado Estado Islâmico é um grupo que faz da mídia sua principal fonte de atração de adeptos às suas ideias, assim como a propagação de suas ideologias e o alastramento do terror. Sua principal fonte de renda é o petróleo e seu objetivo é construir um Califado nas regiões de domínio. Começa em 2004 como um braço da Al-Qaeda no Iraque logo antes de se remodelar como Estado Islâmico. Assim como seu progenitor é um grupo militante radical antiocidental, dedicado a consolidação de um Estado islã independente na região.

O grupo se espalha rápido, capturando grandes territórios em ambos os lados da fronteira entre Iraque e Síria. Todos os territórios, a partir de junho de 2014, são parte do Califado, tendo

como governante um Califa. O ISIS invade territórios e instaura uma nova estrutura política baseada em suas crenças, porém curiosamente sua hierarquia burocrática acaba sendo similar àquelas dos países que rejeita, excluindo o fator democrático e adicionando um conselho que decide sobre mortes e decapitações.

A aliança anunciada pelos dois grupos em março de 2015 assustou o mundo por como aliados, passarem a representar uma possível rede terrorista com considerável campo de domínio, em resposta às pressões e retaliações internacionais que ambos sofrem. Desde que, individualmente, são importantes atores regionais e juntos podem apresentar uma possível ameaça internacional devido a essa coalizão regional.

Fundamentos da aliança

Inicialmente deve-se analisar um cenário de enfraquecimento de ambos os grupos, por parte do grupo nigeriano, por consequência da pressão fomentada pelo exército da Nigéria e pelas coalizões dos Estados vizinhos e, com o ISIS, pelas intervenções do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e de coalizões entre os próprios exércitos dos países em que o grupo se encontra.

O Boko Haram, que ganha forte visualização internacional em 2014 pelo sequestro de 256 garotas na cidade de Chibok, além da percepção de que o grupo conquistou boa parte da região norte e nordeste da Nigéria, se vê em posição de desvantagem em relação as retaliações da coalizão na região, tem algumas alternativas em relação ao seu fortalecimento e a buscar foco internacional, buscando aliança com outro grupo terrorista que não fosse regional: o Estado Islâmico. Porém a questão era de como essa aliança seria.

O ISIS, que é notoriamente conhecido por utilizar a mídia para difundir suas práticas e ideias encontrava-se num período de controle de sua força no Iraque já que o jihadismo no país estava começando a crescer e, precisava de um meio de ajudar o combate na Líbia transportando armas e soldados pela região do Saara, uma outra porta de entrada do jihadismo e a possibilidades de ampliar as fronteiras do Califado (até a África Ocidental).

Questão Geoestratégica

Dentro das possibilidades de ganhos com a cooperação há a troca de armas e de jihadistas: os grupos realizaram um verdadeiro intercâmbio pelo deserto do Saara, o maior deserto do mundo localizado na região norte da África, seu território estende-se por Egito, Marrocos, Argélia, Líbia, Tunísia, Mauritânia, Mali, Sudão, Sudão do Sul e Chade. Dessa forma, se caracteriza como uma região estratégica visto que não é dominada por nenhum grupo capaz de

fazer frente aos dois, os países que o compõem possuem fronteiras extremamente porosas e de fácil passagem, serviria como ponte de ligação da região do Sahel até o Oriente Próximo, além da possibilidade de o aumento do Califado proposto pelo ISIS.

Uma “cooperação terrorista” entre estes grupos radicais e fundamentalistas criaram uma espécie de “zona tampão”, entre o Norte da África, Magreb e África Subsaariana onde surgiria uma zona controlada por grupos radicais, fundamentalistas e terroristas. (ZECA, Emilio J., 2015, p. 45)

Segundo o porta voz da BBC sobre assuntos do EI, Abu Mohadmed Al-Adnani (2015), classifica se a aliança como “uma nova porta para emigrar à Terra do Islã e do combate”. Anunciou que o califado⁶ pretende apagar as fronteiras atuais e redesenhar os mapas, passará a se estender até a África Ocidental. Porém, essa possibilidade poderia ser inviável devido a questão da localização: uma vez que os dois grupos poderiam não conseguir cooperar porque várias fronteiras separam as áreas de domínio de ambos, além dos altos gastos com transporte e logística.

Aumento de Visibilidade

A segunda alternativa é aliança midiática, sendo a mais visível na prática, como possibilidade de um maior foco do cenário internacional na Nigéria, com o intuito de atrair mais jihadistas para a luta dos dois grupos e, como já observado, aprimorar a qualidade dos vídeos do Boko Haram e divulgá-los como parceiros e grandes potenciais de atenção mundial.

Jonathan Hill (2015), analista do King’s College de Londres, também entrevistado pela BBC Mundo, destaca que “o maior impacto da união entre os dois grupos será verificado pela ótica da propaganda, na verdade, é essa a razão que levou o Boko Haram a jurar fidelidade — e o EI a aceitá-la”. Sendo que aquela busca atenção em um momento de forte pressão o Exército nigeriano e seus aliados, mas, além disso, o grupo, numa tentativa de reorganização, busca atenção da mídia para a África Subsaariana, uma região que comparada ao Iraque e Síria não recebe muita atenção, apesar dos saldos de mortes serem mais altos. Dessa forma, ao unir-se ao ISIS, o Boko Haram ganha visibilidade, já que passa a poder se apresentar como algo muito maior e o Estado Islâmico, por sua vez, consegue manter o momentum quando o combate contra o jihadismo começa a ganhar força no Iraque, uma vez que ganha o reconhecimento de uma ameaça ainda maior devido a junção com o método mais violento do grupo nigeriano. O ISIS é descentralizado e, com a aliança o Boko Haram passa a ter esse caráter, tendo uma mais ampla área de influência.

Troca de Recursos

Uma terceira alternativa é a troca de estratégias, informações e ataques. Para que os dois grupos fossem capazes de reproduzir muitas práticas jihadistas comuns, dessa forma, tornando o Boko Haram quase uma unidade nessas questões estratégicas. Outro ponto era a possibilidade de o grupo nigeriano praticar atentados fora do país e treinar seus em território do Estado Islâmico e vice-versa. Além do possível compartilhamento dos recursos financeiros, como de troca de armas, petróleo, tráfico humano e ferramentas de mídia e publicidade, as quais já se observam na prática.

Mas especialistas que se pronunciaram sobre o tema afirmam ser improvável que a aliança se materialize com intercâmbio de jihadistas ou troca de informações para a realização de ataques, já que milhares de quilômetros e muitas fronteiras separariam os dois grupos. Assim, Jesús Díez Alcalde (2015), do Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos, órgão ligado ao Ministério da Defesa da Espanha, afirma que além das distâncias os cenários dos grupos são diferentes, o ISIS sendo formado por uma etnia árabe e o Boko Haram de maioria negra; ainda segundo o especialista espanhol, mesmo que a união dos dois grupos jihadistas mais sanguíneos da atualidade seja simbólica, ela agrava a ameaça. Sendo que para o americano Brendan Koerner (2013), o poder do ISIS “reside na habilidade de inspirar o terror numa proporção superior à ameaça que eles realmente apresentam”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o Conselho de Segurança das Nações Unidas não possui nenhuma medida legal repreensiva em relação aos dois aliados, considerando que os mesmos não são Estados e, portanto, não ratificam nenhuma convenção e não são reconhecidos legalmente pela comunidade internacional pelo direito internacional e, conseqüentemente, não há possibilidade em utilizar-se de uma jurisdição. Portanto, a aliança não traria maiores pressões internacionais, mas sim mais preocupação pelo aumento de instabilidade da paz das regiões oeste e central da África. Sendo a atitude tomada pela cúpula em resposta a aliança é ajudar a desenvolver uma estratégia abrangente para abordar as dimensões do governo, segurança, desenvolvimento, aspecto socioeconômico e humanitário da crise.

Como analisado, a estratégia dominante dos grupos, segundo bases da Teoria dos Jogos era a de fazer a aliança, já que grande parte das possibilidades de cooperação - como troca de informações, publicidade, jihadista e financiamento - são mais vantajosas do que a não estruturação de uma aliança. Além do fato de que a resposta internacional não traria significativas conseqüências da alteração do *status quo* para nenhum dos dois grupos, além da pressão regional

já exercida sobre os grupos. Isto pode ser observado pela aliança ter sido divulgada abertamente pela internet no ano de 2015.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Eduardo. **Aplicação da teoria dos Jogos na análise de alianças estratégicas**. Disponível em: Gestão da Produção, Operações e Sistemas – Ano 5, nº 3.

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BARRICHELO, Fernando. **Teoria dos Jogos**. Disponível em: <<http://www.cienciaestrategia.com.br/teoriadosjogos/capitulo.asp?cap=i2>>

BBC. **O grupo extremista mais mortífero que o ‘Estado Islâmico’**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124_levantamento_extremismo_lgb>

COOPER, Helene. **Boko Haram and ISIS are collaborating more, U.S Military says**. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2016/04/21/world/africa/boko-haram-and-isis-are-collaborating-more-us-military-says.html?_r=0>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

DYER, Charles; TOBEY, Mark. **A crise do Estado Islâmico: ISIS - EIIS**. BV Books, 2016.

FOUCAULT, M.. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios, In-Segurança e Risco em Tempos de Contestação Territorial**.

LIMA, M.I.; RIBEIRO, C.A.F. **Análise didático-científica acerca do conteúdo relacionado à África**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, 2017.

NAPOLEONI, Loretta. **A fênix islamita**. Bertrand Brasil, 2015.

SMITH, Mike. **Boko Haram: inside nigeria’s unholy war**. I. B. Tauris, 2016.

VENTAS, Leire. **Que perigo traz a aliança entre Estado Islâmico e Boko Haram?** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150317_boko_haram_ei_alianca_lgb>. Acesso em: 23 de novembro de 2016.

WAINBERG, Jacques A. **ISIS e Estado Islâmico: utopia e a mente delirante**. EDIPUCRS, 2016.

¹ Acadêmica do curso de Relações Internacionais – Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA. Curitiba – PR. e-mail: katlen.2503@outlook.com

² Acadêmico do curso de Relações Internacionais – Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA. Curitiba – PR. e-mail: tiagoviesba009@gmail.com

³ Professor Orientador – Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA. Curitiba – PR. email: blum.gustavo@hotmail.com

⁴ Salafismo: movimento ortodoxo ultraconservador dentro do islamismo sunita. É uma ideologia internacional que defende a recuperação da essência do islã, e possui duas ferramentas de luta, o Salafismo de pregação e o jihadista. Além disso, julga as “inovações” adquiridas pelo islamismo com o passar do tempo como corrompidas.

⁵ Sharia significa “o caminho” ou “a estrada”, remetendo ao trajeto em que os muçulmanos devem conduzir suas vidas. O termo descreve um sistema legal que os muçulmanos tentam implantar no Oriente. São conceitos e práticas religiosas que influenciam toda a vida social e política das sociedades islâmicas.

⁶ Califado: forma islâmica monárquica de governo. Representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. A posição de seu chefe de Estado, o califa, baseia-se na noção de um sucessor à autoridade política do profeta islâmico Maomé.